

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Pipa: da cidade de pescadores à cidade do turismo global.

Otomar Lopes Cardoso Jr.

Cita:

Otomar Lopes Cardoso Jr. (2009). *Pipa: da cidade de pescadores à cidade do turismo global. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/155>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Pipa: da cidade de pescadores à cidade do turismo global

Otomar Lopes Cardoso Jr.

UFRN-Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Pós-Graduação em Ciências Sociais (Doutorando)

cardosojr@yahoo.com

Resumo

A praia de Pipa é atualmente conhecida como um dos principais centros turísticos do Rio Grande do Norte e do Nordeste brasileiro, atraindo turistas do Brasil e de todo o mundo num intenso e constante fluxo de pessoas que transformaram a pequena vila de pescadores, dos anos 1970/1980, em uma cidade cosmopolita que, hoje, abriga investimentos em hotéis de alto luxo destinado a público de elevada renda (sobretudo européia), bares e restaurantes com cardápios internacionais e o artesanato local ao lado da tradição da pesca nas pequenas jangadas. Pipa é, hoje, uma cidade com uma nova identidade urbana, a cidade do Estado do Rio Grande do Norte que mais transformou-se e projetou-se no cenário internacional nestes últimos anos. Qual a evolução da praia de Pipa ao destino global Pipa? Qual a nova identidade incorporada pelos antigos habitantes e pela nova população que ocupa cada vez mais espaço em Pipa? Que transformações sociais, sob o aspecto do cidadão local, é possível observar nestes últimos anos? Este trabalho propõe a apresentar direções a algumas destas inquietações que Pipa, por sua história e sua realidade, encantam e fascinam.

PALAVRAS-CHAVE: Praia de Pipa; turistificação; identidade.

APRESENTAÇÃO

Pipa é, hoje, um destino do turismo internacional, posicionando-se entre os principais atrativos do Rio Grande do Norte, estado do Nordeste brasileiro. As agências de turismo vendem o destino Pipa como sinônimo de “paraíso” onde o viajante encontrará um ambiente acolhedor e ao mesmo tempo diferenciado, destacando suas belas paisagens naturais (as falésias, os golfinhos e as próprias praias).

Mas, Pipa, há pouco, nos anos 70, era uma simples praia de pescadores, pouco conhecida no Rio Grande do Norte, menos ainda no Brasil e um absoluto desconhecido no exterior. Na verdade Pipa era um distrito do município de Tibau do Sul; mas, apesar de seu impressionante crescimento econômico, de sua internacionalização, permanece, sob o aspecto político-administrativo, “apenas” uma praia, não tendo sido alçada à condição de município no Estado.

Essa transformação, rápida e avassaladora na paisagem no litoral potiguar, que transformou Pipa numa área única em todo o Rio Grande do Norte, é objeto deste trabalho inicial que pretende conhecer as transformações que fizeram de Pipa, uma vila de pescadores à cidade do turismo global; e que estão inseridas no projeto de Doutorado em curso.

PIPA

O município de Tibau do Sul, do qual o distrito de Pipa, compõem sua geografia, criado oficialmente no ano de 1953, dista de cerca de 80 km de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, inserida na chamada região do Agreste. De cidade pequena do interior do Estado, teve um desenvolvimento, a exemplos de cidades semelhantes, tardio em suas características econômicas, sobretudo nas “modernidades” da produção industrial.

Assim, relatos de nativos descrevem que a praia de Pipa teve seus primeiros veículos de moradores do município já no final dos anos 70. Vale ressaltar que, à época, nada diferenciava Pipa de uma pequena vila de pescadores, desde sua produção artesanal da pesca, à sua comercialização intra-muros, e sua condição social de vilarejo em que as relações de vida envolviam moradores conhecidos e geograficamente próximos. Atualmente, a circulação de veículos, em período de alta estação causa dificuldades e transtornos no pequeno espaço próximo a praia, mas também em suas

vias de acesso (a Prefeitura já criou um estacionamento, na entrada da área urbana da praia, exclusivo para ônibus atenuando os congestionamentos frequentes).

Na Pipa é encontrada cerca de metade da população do município de Tibau do Sul, revelando-se enquanto outro fator de transformação da paisagem urbana, da vila de pescadores que, em ritmo de crescimento maior, deverá tornar-se maior centro urbano do que a própria sede do Município onde estão, hoje, a sede da Prefeitura, o mercado público e a maternidade.

Nos anos 70 o acesso à praia de Pipa era considerado difícil e temeroso, poucos se aventuravam a ir de carro buscar os encantos da natureza. Nesta mesma época, pousada era um conceito inexistente enquanto serviço de atendimento aos turistas; hotéis sequer concebiam o imaginário daqueles pescadores nem tampouco dos surfistas e dos veranistas, primeiros “ocupantes” da praia de Pipa que insistiam em aventurar-se pelas matas fechadas e pelos caminhos de areia em busca do “paraíso”. Aqueles que persistiam, por exemplo, encontram como opção de cardápio peixe e pirão essencialmente; hoje, cardápios internacionais da cozinha italiana, francesa ou portuguesa compõem, com certa naturalidade, a atual modernidade de Pipa.

Do confronto, em pouco mais de três décadas, entre uma paisagem quase pitoresca à “modernidade” deste final de década, há uma imensa evolução sócio-econômico e maior ainda, modificações em suas relações internas, não somente entre os “de dentro” como também entre os “de fora” que, muitos deles, transpuseram tal distinção, incorporando-se à condição comum dos habitantes de Pipa.

PIPA E O TURISMO

O turismo tornou-se uma das atividades de maior crescimento econômico nos últimos anos, alcançando todos os países e inserindo-se num processo de relações sociais em escala global na qual as distâncias, que tornavam os acontecimentos dispersos e pouco difundidos, foram superadas pelas facilidades da comunicação e pelas inúmeras possibilidades de deslocamento; sem esquecer, certamente, das condições de hospitalidade e de políticas públicas cada vez mais reforçadas em torno do turismo.

O turismo revelou-se como uma importante fonte de renda e de geração de empregos e os espaços turísticos se redimensionaram como alternativa de lazer diante da “sacralidade social”. O

tempo livre, as férias, institucionalizada mundialmente, são sinônimo de centro de atenção de capital disponível enquanto opção dos trabalhadores (e também de empresários), numa contemplação do tempo disponível a ser utilizado em viagens, em busca de inovadores destinos.

O Rio Grande do Norte está plenamente inserido neste contexto, destino que tornou-se privilegiado para férias, sobretudo de estrangeiros, no período mais recente. De acordo com dados do Infraero, órgão do Governo Federal responsável pela administração dos aeroportos no Brasil, temos a seguinte evolução, em termos de turistas estrangeiros que desembarcaram no aeroporto que atende à Natal e aos demais destinos no Estado:

- 2003 – 101.687
- 2004 – 184.721
- 2005 – 245.094
- 2006 – 249.189
- 2007 – 218.825
- 2008 – 164.113

2008, ano da crise financeira internacional, é patente a redução do fluxo turístico internacional no Rio Grande do Norte. Mas, vale ressaltar que, apesar da queda, o número de passageiros internacionais no aeroporto de Natal, em 2008, ainda é superior àquele verificado em 2003; ou, em outros termos, uma redução que traz seus impactos negativos mas que está longe de significar uma limitação ou redução de Natal (e seus encantos) como opção de lazer em época atual.

E, parcela importante desses turistas vem Pipa como destino, senão principal, ao menos obrigatório, no roteiro de viagens ao Rio Grande do Norte, dividindo as atenções com Natal e os passeios de *buggy* nas dunas de Genipabu. A distância e o tempo de viagem até a “paradisiaca” praia, relativamente curto (cerca de uma hora), fazem com que as próprias agências associem a praia de Pipa fazendo parte do entorno de Natal; sendo assim, percebido pelos turistas.

AS MUDANÇAS: UMA NOVA PIPA?

Pipa já não é mais uma vila de pescadores. Ainda nos anos 80, quando as primeiras mudanças significativas na paisagem urbana se desenharam, podia-se prever que, em breve, um novo cenário estaria apresentado aos moradores, pescadores, face à dinâmica do capital que, com seu poder, modificaria as relações sócio-econômicas daquele espaço. Nos anos 90, de forma inequívoca, Pipa era uma nova cidade, diferente em todos os seus aspectos do bucólico ponto de encontro de aventureiros ou surfistas que viam nas belezas naturais e no difícil acesso uma alternativa ao turismo de massa ou a massificação da ocupação das praias, já em estado adiantado não somente em Natal, mas nas praias mais próximas da Capital, tanto em sentido Norte (Redinha, Genipabu etc) ou em sentido Sul (Cotovelo, Pirangi, Búzios etc).

As primeiras modificações estavam ainda concentradas no fluxo de pessoas que visitavam a praia de Pipa nos finais de semana e nos feriados prolongados. Ainda era um turismo bastante sazonal e passageiro (“turismo de um dia”), em que a demanda de serviços concentrava-se basicamente em barracas e pontos de alimentação e pousadas ainda de estilo rústico e/ou aconchegante.

Mas, o turismo aliado ao maior poder aquisitivo – induzido também pela valorização do Euro face à moeda local – dos estrangeiros logo trouxe a especulação imobiliária ao centro das atenções, deslocando, aos poucos, os pontos mais privilegiados, ocupados pelas casas de pescadores (a rua principal do comércio e as próximas a praia), mas também áreas inabitadas e de pouco valor comercial, à época, como as falésias em Pipa e na estrada que liga até o centro do município, Tibau do Sul.

Hoje, Pipa desfruta de uma rede hoteleira e de restaurantes capaz de atender a todas as demandas dos turistas nacionais ou internacionais, visto a diversidade de pequenos comércios espalhadas ao longo de seu território. São restaurantes com cardápios italianos, portugueses, franceses etc além das *cafés* e bares com *cocktails* e bebidas de diversas nacionalidades ou ainda, *delicatessen* com temperos e guloseimas destinados quase exclusivamente ao público estrangeiro (com suas mostardas, molhos, azeites, geléias etc).

No tocante ao setor de hotelaria, as pousadas tradicionais ainda ocupam seu lugar de importância no cenário local. Mas, dividem as atenções com hotéis e pousadas de categoria “luxo” com diárias pouco acessíveis ao mercado local e absolutamente inalcançáveis aos moradores

nativos, os pescadores (são acomodações, por exemplo, com banheiro de hidromassagem privativa, jardim exclusivo, restaurantes com cardápio internacional etc).

O contexto urbano não mais obedece às poucas linhas traçadas em que ligavam as poucas moradias à rua principal e à praia. Hoje, várias ruas ultrapassam os limites da praia, avançando ao “interior” onde antes existiam apenas mata fechada, sem qualquer exploração econômica; e, em praticamente todas as novas ruas, a ocupação sempre presente está em hotéis e pousadas. Mais recentemente, ampliando a fronteira da ocupação territorial em Pipa, surgem *resorts* e condomínios de luxo em que o conforto interno e os serviços oferecidos procuram em nada identificar-se com pousas ou hotéis mais “tradicionais”.

Todas essas alterações no contexto de Pipa – mas também na sede do município, em Tibau do Sul ou ainda na praia vizinha de Sibaúma – levam a uma interrogação sobre a nova realidade, de uma “nova” Pipa que, em menos de três décadas foi construída e reconstruída (isto é, ampliada) em uma nova base de ocupação e de utilização do capital que parece não ter esgotado ainda seu limite, tendo em vista a constante criação de novos negócios, sejam eles pontos de venda de artesanato, pousadas, *resorts*, casas noturnas, condomínios etc.

A pesquisa iniciada na Pipa é conduzida nesta linha de raciocínio, de entender as transformações que alteraram o perfil da vila de pescadores e a categorizaram enquanto cidade internacional visto, entre outros, a diversidade de turistas e a diversidade de investidores. O aspecto basilar desta pesquisa é compreender que transformações, sob o olhar e a perspectiva do “nativo” ou os “de dentro” (aqui entendido antes da miscigenação ocasionada pela ocupação territorial ao longo destes anos por moradores quase “incorporados” ao contexto local) em relação às novidades e inovações que dominaram e continuam a dominar suas relações sociais em Pipa.

CONCLUSÃO

A desterritorialização de Pipa é a nova realidade daquela vila de pescadores. Uma realidade que ainda não se solidificou enquanto limite de novo cenário, construído e inalterado, embora haja uma aparente expansão apenas numérica, se limitarmos nosso olhar aos quantitativos de pousadas, hotéis ou bares e restaurantes; a repetição observada pode estar no destino do capital, comercial e imobiliário, predominantes em Pipa ou nas opções de seu investimento, ora citados.

Mas, não é possível, no momento, estipular uma condição única de uma nova Pipa sem o olhar dos primeiros habitantes (antes da invasão do turismo), os pescadores que continuam, apesar de efetiva minoria a compor este cenário: novamente enquanto pescadores, com suas jangadas na praia de Pipa e com mercado comprador assegurado do resultado da pesca), enquanto “teimosos” moradores de pontos urbanos extremamente valorizados, ao lado de bares, restaurantes ou pousadas), ou ainda enquanto cooptados pela nova rotina impossível de combatê-la ou não aceitá-la.

Uma nova Pipa se desenha a cada dia para o indivíduo que nasceu naquela praia, descendente de outros nativos, pescadores, seguiu a profissão do pai e a ocupação tradicional familiar e que hoje, com a nova geração, entre crianças, adolescentes e novos adultos, vivencia, diariamente, conflitos reais ou imaginários de um mundo que se apresenta absolutamente diferente do conhecido e relatado na história de família ou da vila de pescadores. As aventuras, por exemplo, não mais se limitam as tradicionais “histórias de pescadores”, permeadas pelas aventuras urbanas e contrapontos com os estrangeiros; a educação infantil, outrora exclusiva no relator de uma “educadora”, hoje absorve com naturalidade os conhecimentos via internet; o cardápio, regionalíssimo e limitado aos bens passíveis de circulação na distante praia, misturam-se com temperos exóticos e odores e/ou sabores internacionais; as expectativas de vida e perspectivas de futuro surgem hoje como inimagináveis diante as minguadas opções da geração anterior.

E assim, sucessivamente, essa mudança tem relatado um mundo diferenciado do vivido nos anos 70, em que as novidades na Pipa eram os aventureiros surfistas; ou nos anos 80, com os veranistas de cidades próximas, depois de Natal; ou nos anos 90, com os primeiros visitantes e a diversidade de idioma e cultura; ou nos últimos anos, com investimentos mais robustos e projetos mais arrojados.

Desta pesquisa preliminar, entendido o ponto de partida da praia de Pipa, há o propósito de conhecer, sob o olhar local, a percepção deste “novo”, resgatando a centralidade a partir de seus habitantes, da pacata vila de pescadores à multifacetada cidade globalizada.

Referências

- o BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru, SP: EDUSC:EDUFBA, 2003 (coleção Turis).
- o CRUZ, José Luiz de la. ARGUELLO, Francisco José. **Paradigmas de la antropología em el estudio de las sociedades costeras**. Revista Mad, n. 15, sep. 2006. Departamento de antropologia. Universidad de Chile. <www.revistamad.uchile.cl/15/delacruz.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009
- o LUZT, Bruno. **Escribir la antropología: del texto ao contexto**. Revista Mad, n. 19, sep. 2008. Departamento de antropologia. Universidad de Chile. <www.revistamad.uchile.cl/19/Lutz_01.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- o RAMOS, Hugo Cadenas. **La antropología aplicada em uma sociedad compleja**. Revista Mad, n. 13, sep. 2005. Departamento de antropologia. Universidad de Chile Disponível em: <www.revistamad.uchile.cl/13/paper05.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- o RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.